

## **EDITORIAL**

Para além da qualidade de vida...

Talvez a discussão sobre QV seja mais que um modismo acadêmico passageiro e valha a pena pensar um pouco sobre o que pode estar escondido para além dela própria.

Tem sido reiterado, não apenas nesta publicação mas também em outros espaços, que a discussão sobre QV não inicia uma preocupação com o bem estar das pessoas em geral, e dos trabalhadores mais especificamente. As condições, os modos e estilos de vida das pessoas são resultados de uma longa evolução das lutas políticas, econômicas e da própria cultura, no sentido de propiciar sempre melhores e mais dignas condições de vida para a sociedade como um todo.

Mas se não é justo colocar o início destas preocupações com o advento da discussão sobre QV, tampouco seria justo considerar que a QV não traz nada novo ao debate teórico e às iniciativas práticas. O conceito de QV, ao incorporar a dimensão subjetiva da percepção das condições de vida, permite olhar os índices econômicos (como renda e PIB), e os índices de saúde (como expectativa de vida ao nascer), desde uma perspectiva mais ampla que pode contribuir de forma significativa para pensar a sociedade atual.

Vamos tomar como exemplo o tão comentado Pré-Sal. Algumas cidades litorâneas do Brasil terão em breve significativo aumento de receitas e de população. Não seria surpreendente se estas cidades apresentarem, em breve, o dobro da população com uma receita de arrecadação cinco ou seis vezes maior. Isto vai acarretar uma melhoria significativa na QV das pessoas? Não necessariamente. Aliás, pelo contrário, não seria estranho que a degradação do ambiente urbano, associada ao mau uso do dinheiro público, levem a uma piora das condições de vida de grande parte da população, com o surgimento de favelas, aumento da criminalidade e da poluição ambiental. Num cenário como este o desenvolvimento da pesquisa sobre QV, assim como o acesso a índices de mensuração transparentes e confiáveis, podem ser aliados importantes na luta por um futuro mais justo e equitativo.

Seguindo nesta mesma linha de raciocínio é preciso sempre ter em mente que a valorização da percepção subjetiva, inerente ao conceito de QV, traz consigo o risco da culpabilização da vítima, onde o elo mais frágil da relação acaba sendo culpado pelas mazelas decorrentes do próprio ambiente. Um trabalhador acometido, por exemplo, de alcoolismo, é o único culpado pelo vício ou é um resultado de estresses e assédios com os quais não consegue lidar? A resposta certa deve ficar, muito provavelmente, no meio do caminho entre os dois extremos. Mas uma contribuição importante da QV e trazer para o debate a certeza de que, principalmente em questões referentes a estilo de vida, é improvável alcançar resultados positivos sem o envolvimento, conscientização e aderência de cada pessoa em particular.

Retomando a colocação inicial, a QV pode realmente ser mais que um modismo acadêmico passageiro e vale a pena refletir no que pode estar para além dela.

Gustavo Luis Gutierrez

Professor Titular da Faculdade de Educação Física da UNICAMP